

## **SOBRE O PENSAMENTO POLÍTICO DE TEIXEIRA DE PASCOAES**

**1.** Em boa hora a Faculdade de Letras tomou a iniciativa de lembrar e homenagear o grande poeta, o prosador vigoroso e o originalíssimo criador de doutrinas metafísicas, decorridos que são 50 anos sobre a morte de Teixeira de Pascoaes.

**2.** O tema que me proponho tratar é muito vasto e muito complexo e não cabe, por maior que seja o meu esforço de síntese, no tempo de que disponho. E de nada me valerão os dois artigos que já publiquei sobre o mesmo tópico, pois neles pretendi enquadrar o pensamento de Pascoaes no seu contexto cultural e sociológico e avaliá-lo à luz de uma análise directa das grandes questões filosóficas nele implícitas, enquanto que agora é diverso o meu propósito. Procurarei cingir-me mais ao conteúdo explícito da obra (daí as numerosas citações, na sua maioria feitas em nota de pé-de-página, que não levei por falta de tempo) e proceder à sua análise compreensiva, ou seja, pôr a nú a estrutura lógica que necessariamente possui, e, a partir dela, esboçar uma construção teórica que não atraia nem paralise o espírito que a anima. Deixarei obviamente de lado, em notas que também não lerei, os desenvolvimentos e comentários que forem precisos para uma maior inteligência dos temas versados, mas à margem da essencial linha expositiva desta comunicação.

Se não conseguir levar a bom termo esta difícil tarefa, que me absolva, ao menos, a boa intenção que move.

**3.** O pensamento político de Teixeira de Pascoaes – como aliás todos os temas de que se ocupou, têm como suporte os mesmos pressupostos metafísicos, o que confere à sua obra uma invulgar *evênia*, nem sempre reconhecida, mas a deixa extremamente vulnerável a uma crítica filosófica.

4. E isso levanta-me, desde logo, alguns escrúpulos de deontologia metodológica, digamos assim. Com efeito o poeta minimiza (com raras exceções) o valor cognitivo da inteligência racionadora e discursiva, assim como das ideias de que ela se serve, e expressamente a exclui do processo elaborador das doutrinas metafísicas em que se apoia.

Não será, pois, injusto e inconsequente perguntar pelos fundamentos teóricos a um autor que expressamente os dispensou? Mas, em sentido contrário; não será *que* a poesia se expõe necessariamente à crítica teórica quando apresenta, como fruto seu, princípios metafísicos?

5. O expresso reconhecimento, da parte de Pascoaes, de que o criacionismo de Leonardo Coimbra é o perfeito e indispensável conhecimento especulativo do saudosismo certamente nos dará uma boa ajuda para começarmos a tentar resolver a questão. Por sua vez, o valor gnóstico que o filósofo atribui à arte no prefácio do “Retorno ao Paraíso” nos auxiliará também na sua análise. Diz aí Leonardo Coimbra: “...quanto mais a ciência desumaniza o universo, mais humanismo fica em resíduo, para a arte e a filosofia receberem. A arte explorando-o em todos os sentidos, gerando e fazendo reviver todas as ansiedades que sempre o animaram. A filosofia esperando humilde e vigilante as relações entre o ser da ciência e o da arte, para achar a síntese numa harmonia superior, ou lançar um melancólico olhar de incompreensão sobre a possibilidade dessa harmonia sintética”.

6. Como se vê, o texto contém algumas dificuldades: alude, genericamente, a uma ciência da Natureza, deixando de fora as ciências formais e humanas, o que melhor se presta à afirmação da dualidade matéria-espírito, nuclear na perspectiva metafísica pascoaliana, mas é obviamente simplificador. Abre, por outro lado, a possibilidade de um pessimismo terminal que se não conjuga com o optimismo criacionista.

Mas a importância destas dificuldades não é suficiente para que nos detenhamos por sua causa. Pela mesma razão deixamos também de lado a interrogação sobre se o sistema criacionista leonardino é ou não o adequado fundamento filosófico do saudosismo de Pascoaes.

Como quer que seja, a questão que agora se levanta é a de saber se *apenas* a filosofia de Leonardo e dos seus continuadores teria, em princípio, a possibilidade de elaborar tal fundamento. Será que em todas as outras maneiras de entender a filosofia, os conceitos haverão

de ser coisificantes, ou, pelo contrário, vazias e artificiais entidades desligadas do real? Penso que não seria muito difícil mostrar que assim não é, apontando mesmo para o pensamento de alguns autores, como Bergson e Boutroux, que aliás Pascoaes cita e elogia. Mas, o que fundamentalmente me interessa mostrar é que no entendimento que eu próprio tenho da filosofia – que é claramente aquele em que tenho de me apoiar – existe legitimidade gnosiológica para uma crítica ao *Saudosismo*. Crítica compreensiva, entenda-se.

Ora, desde que se conjuguem, como critérios gnósicos básicos, indispensáveis e inultrapassáveis, a evidência cartesiana e a observação da experiência radical, obtida e analisada conforme o método fenomenológico husserliano; e se concluir ainda que o conhecimento verídico assim obtido apenas leva às fronteiras da douda ignorância quando se pretende abarcar o absoluto que é Deus, - facilmente se aceitará a conclusão de que a filosofia, reivindicando embora a legitimidade para fundamentar todos os saberes, e para apreender, na sua mais originária manifestação, tudo o que se oferece à experiência humana, - não se arroga a capacidade de tudo conhecer, mas apenas se reserva o direito, já assinalado por Pascal, de decidir acerca daquilo que a ultrapassa, distinguindo claramente entre aquilo que é mistério fecundo e a trágica ilusão que, apresentando-se em seu nome, não leva a parte nenhuma.

Pena é, penso eu, que o talento especulativo de Leonardo Coimbra e a talentosa criatividade poética de Pascoaes não tivessem beneficiado do uso do método fenomenológico que, aliás, muito provavelmente, não conheceram. Ele os teria poupado – penso eu ainda – a encarniçarem-se no ataque a um pretensu imperialismo dos juízos evidentes. Mas os teria levado também a reconhecer que dentro dos seus limites gnósicos, e no campo próprio, a evidência racional é instrumento indispensável para todo o conhecimento seguro.

7. Chegou portanto a altura de tentarmos uma análise crítica do *saudosismo*.

São vários os caminhos que Pascoaes percorre para chegar a essa noção. Uns partem do exame da “alma portuguesa” e da sua história e são principalmente descritos nesse originalíssimo livro que é “a Arte de Ser Português”; outros provêm das meditações do poeta sobre a condição humana em geral, outros ainda, mais interessados na sua dimensão gnósica, apresentam, o *saudosismo* como uma radical maneira de conhecer.

Quaisquer que sejam, porém, os aspectos que se salientarem no *saudosismo*, aquilo que se revela como sendo-lhe nuclear é a noção do *presente*. Acontece, no entanto que a noção pascoaliana é muito estreita e para sua melhor compreensão muito lhe teria certamente servido a análise husserliana do tempo.

Vejamos: é de banal experiência comum que a incessante passagem do tempo interior pela consciência faz com que só possamos conhecer o que já passou. Ou seja: tudo aquilo que o conhecimento nos dá só o possuímos como lembrança. Mas isto, repetimos, se tivermos do presente uma ideia tão artificialmente reduzida, como aquela que nos dá o ponteiro dos segundos. Felizmente não é isso que acontece. Tanto a experiência espontânea como a experiência pura coincidem em nos darem um presente vivo em que inteiramente nos situamos e que contém em si uma indispensável antecipação do próximo futuro e uma não menos indispensável retenção do passado imediato.

O que não abre, penso, um espaço próprio para a saudade, mas apresenta esse mesmo e ampliável presente vivo, como tendo a capacidade de permanentemente se renovar na sua actualidade e assim tangenciar o que ultrapassa o próprio tempo. Não será assim na lembrança mas numa presença viva que nós seremos e tudo em nós será.

E isso tem consequência metafísicas muito importantes. Em vez do niilismo antropológico que resultará do facto de o poeta considerar as almas mortas e não recordadas como “nadas absolutos”, - esse presente vivo e renovável que poderá indefinidamente tocar a eternidade, abre ao homem uma possível imortalidade.

**8.** Lamentando ter que alongar ainda mais estas considerações preambulares, entendo serem indispensáveis algumas palavras mais acerca do Evolucionismo.

Nas suas linhas gerais, o único evolucionismo coerente é aquele que parte de uma onticidade mínima – a da matéria – e atribui a um intrínseco dinamismo seu, diferenciador e complexificador, todas as posteriores formas da realidade. Também apresenta, como momento essencial desse movimento progressivo, o surgimento da consciência reflexiva do Homem. Este momento decisivo foi diversamente avaliado. Para uns, como Spencer, a evolução terminou no Homem, em termos biológicos, mas prolongou-se no plano da cultura, sendo nesta de natureza ética a linha do seu aperfeiçoamento. Para Nietzsche, depois do Homem virá o Super-Homem que em si fará a síntese entre os valores biológicos e os culturais.

Teixeira de Pascoaes interpreta esse momento crucial à sua maneira: o Homem veio para dar vida, pela recordação saudosa, a tudo o que morreu no Universo e para projectar, num Deus por si criado, a esperança num progressivo aperfeiçoamento da vida. Aperfeiçoamento esse que será sempre trágico, pois que a vida a cada momento se apaga na morte. Só à sua luz se poderia dizer, como o disse o poeta, transpondo a sua visão evolucionista para o contexto do Judaísmo, que Deus sofre e se penitência pela má obra que criou...

9. Contrariando, embora, a ordem mais indicada que daria prioridade ao exame dos aspectos gnosiológico, antropológico e metafísico do *saudosismo*, começaremos por ver a forma como ele se constitui no plano político.

O poeta parte da afirmação de que existem uma Raça e uma Alma portuguesas. Deixem os por ora, de lado as dificuldades que o entendimento de tais termos levanta, observando só, desde já, que a palavra Raça não tem para Pascoaes um sentido estritamente biológico e se aproxima muito do conceito de Povo.

Vamos directos para a questão filosófica de fundo que essas questões levantam. Trata-se do velho problema de saber se às entidades colectivas e genéricas pode ser atribuída a existência e, consequentemente, os predicados que lhe são próprios.

Se levarmos na devida conta o princípios dos indiscerníveis de Leibniz, haveremos de concluir que só atingem a necessária densidade ontológica para existirem os seres que possuem predicados exclusivos e intransferíveis. E assim só existem verdadeiramente seres espirituais dotados de consciência e liberdade.

Dizer, pois, que a Raça e a Pátria, possuidoras de uma alma própria, *existem*, é certamente uma afirmação excessiva, mas não destituída de sentido. Os colectivos conaturais à condição terrena do homem, e mesmo aqueles que a cultura vai forjando, não são simples nomes ou quimeras mas possuem uma certa consistência ôntica que lhes advém do facto de possibilitarem relações inter-subjectivas que ampliam e enriquecem os homens.

Feita esta advertência vamos adiante. É, como se sabe, nos textos intitulados “O Espírito Lusitano ou o Saudosismo”, “O génio Português” e “Arte de Ser Português” que o poeta principalmente trata destes temas.

Vamos tentar ordenar esquematicamente os momentos lógicos da teoria saudosista, encarada desta primeira perspectiva:

Os povos primitivos da Ibéria resultaram da fusão de dois grandes ramos étnicos, assim como das respectivas mundividências, e da sua peculiar maneira de ser e de estar: O ramo ariano, extrovertido e alegre, voltado para as belezas e para as doçuras da Natureza, que atingem, no paganismo greco-romano, a mais perfeita expressão. E o ramo semíta, austero e trágico, voltado para o que, no homem, ultrapassa os valores sensíveis, para o Deus único que consigo firmou uma aliança, que no dia-a-dia invoca e melhor serve através do sofrimento, e de quem espera a salvação, e que atingem no “cristianismo judaico”, como diz, a mais acabada realização. Pascoaes expressa lapidamente esta conjugação quando escreve: “*Vênus* é a suprema flor do naturalismo grego; a *Virgem Dolorosa* a suprema flor do espiritualismo judaico; aquela é o amor carnal que continua a vida; esta o amor espiritual que a purifica e diviniza”.

1. Foi na raça Lusíada que esses dois elementos biológicos, psicológicos e culturais encontram um *exacto equilíbrio*.

2. Este raro e feliz equilíbrio comprova-se cabalmente na história pátria segundo o poeta, mas bastar, para o afirmaria a harmónica síntese que o povo português realizou entre Paganismo e Cristianismo, a forma como ele transformou a austeridade ascética de S. João Baptista, que se alimentou, no deserto, de gafanhotos e mel silvestre, na harmonia, quase brejeira de um santo que com ele bailava e cantava nas romarias ... Também essa dualidade e perfeita conjugação se verificava na originária paisagem portuguesa: o paganismo festivo do verde Minho casou-se com a austeridade meditativa de Trás-os-Montes e frutificou na paisagem do Vale do Tâmega, onde as suas contrastantes fisionomias telúricas se conjugaram, nela se espelhando, fielmente, a alma portuguesa.

3. No seio desse equilíbrio rasga-se, todavia, uma ferida dilacerante. Para que as tentações dos sentidos e as exigências de uma espiritualidade que as supere alcancem a mais perfeita conciliação, é preciso que a saudade transfigure o desejo numa lembrança que o não repudie mas o recolha depois de sublimado.

4. É, pois, pelo facto de, na alma portuguesa, estarem presentes, com idêntico vigor, o desejo terreno e a aspiração do céu, que a Saudade nela se constitui de modo exemplar.

5. Mas, *viendo bem*, esses dois ingredientes, paganismos e cristianismo judaico, correspondem afinal às duas modalidades essenciais da Humanidade, ainda que apenas bem visíveis no mundo europeu.

6. E nisso se alicerça o nacionalismo messiânico de Pascoaes. Porque em si realizou, harmonicamente, a síntese dessas duas modalidades, da Humanidade, Portugal nada tem a aprender dos outros povos, mas *tem*, pelo contrário, a obrigação de lhes servir de guia.

7. Acontece, porém, que Portugal se encontra modernamente num estado de deplorável aviltamento. Deixou de praticar as virtudes que lhe são próprias - o espírito da aventura, a criatividade, o gosto da liberdade, a predisposição para se sacrificar por causas que valham a pena, para se resignar aos defeitos que se opõem a tais virtudes - o sentir-se bem na rotina, o comodismo egoísta, a falta de iniciativa, a inveja, o derrotismo, a “apagada e vil tristeza” de quem não é mais capaz de sonhar...

8. Urgia, portanto, uma renascença: a Renascença em que o poeta tanto se empenha, renascença que não é uma ressurreição do passado, mas o retomar, a partir das mesmas fontes que alimentaram o Portugal autêntico que passou, o Portugal autêntico que faltava cumprir.

9. Para tanto se torna necessário denunciar e combater, antes de mais, aquilo que, segundo Pascoaes, se opõe a essa mesma Renascença: o catolicismo romano, o constitucionalismo democrático e a subserviência perante a cultura francesa.

10. O catolicismo romano deveria ser substituído por uma Igreja Lusitana, cujos afloramentos o poeta apontava ao longo da história pátria. Talvez por temor que as ligações a Roma fossem muito fortes, foi particularmente duro nos ataques à Igreja Católica e aos Jesuítas.

11. No que respeitava ao constitucionalismo, a posição do poeta foi radical. Embora para ele a questão do regime não fosse significativa, acolheu a república, que supunha ter posto fim ao constitucionalismo monárquico, como a “última esperança”. E adverte firmemente contra os perigos de um regime individualista e igualitário que não levaria em conta que a Pátria portuguesa é um corpo orgânico que tem uma alma; e defende que, em vez de bacharéis apaixonadamente ignorantes, - os novos políticos deveriam servir Portugal como se fossem sacerdotes, em si incorporando os ideias e as fundas apetências da Raça Lusitana.

12. Para dar consistência e fundamento ético a este culto da Pátria, adianta Teixeira de Pascoaes a sua “teoria do sacrifício” - a cujos fundamentos já fizemos alguns reparos. Como dissemos, o poeta entende que as entidades colectivas como a Pátria e a Família têm plena existência, e considera ainda que, sendo evolutivamente posteriores e mais ricas do que os indivíduos, estes deverão sacrificar-se-lhes. Se o problema for visto de um ângulo puramente ético, nenhuma

objecção de fundo se poderá levantar. É, em princípio, de exaltar o amor heróico pelo próximo. Mas se o olharmos pela perspectiva do evolucionismo – como me parece ser o caso de Pascoaes – já são várias as reservas a opor-lhe. Com efeito, se na evolução se assiste à sucessiva formação de organismos mais complexos e perfeitos, também é verdade que as formas arcaicas de vida continuam a subsistir, e que, no mundo orgânico, dado o imperativo vital da sobrevivência, todos os ser, dos mais primitivos ao homem, travam entre si uma guerra permanente.

13. No que se refere ao aporuguesamento da cultura, são vários os autores e as obras em que Teixeira de Pascoaes apoia a sua fé numa próxima e grande melhoria; no passado distinguia o cancionero Popular, Bernardim e Camões, e modernamente Antero, Oliveira Martins e Leonardo Coimbra.

14. Aliados naturais desse indispensável renascimento de Portugal eram ainda, para Pascoaes, o mundo rural e a paisagem. A morte lhe poupou o desgosto de assistir à rápida agonia dessa ruralidade telúrica onde tinha funda raízes, e que a televisão envenenou, transformando-a numa indecisa franja sub-urbana. Também o impediu de assistir ao desfeiar e adulterar das paisagens por milhares de habitações copiadas do estrangeiro...

15. E para terminar, uma observação mais: por certo que o pensamento político de Pascoaes, dados os seus fundamentos, e atendendo a algumas das suas características, não pôde ser acolhido pela ideologia do Estado Novo. Mas, deverá assinalar-se que a triade de Deus, Pátria, Família, assim como o primado político da Nação foram por ele antecipadamente proclamados.

É a altura de terminar. Não me sobrou tempo para completar a análise das outras vertentes do *saudosismo*. Resta-me a esperança de que o que disse a seu respeito tenha permitido obter, sobre tão difícil tema, uma primeira ideia de conjunto.

E termino reafirmando a minha sincera admiração pelo extraordinário poeta e pelo originalíssimo pensador-visionário que foi Teixeira de Pascoaes.

Eduardo Abranches de Soveral  
*Abril de 2003*